

## PRESENÇA DO ART DÉCO NA CIDADE DO RECIFE

Stela Gláucia Alves Barthel<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Enquanto estilo arquitetônico, o *Art Déco* no Brasil conviveu com o Modernismo e com o Ecletismo tardio. À luz da Arqueologia, ele foi estudado na cidade do Recife através de uma pesquisa para o Doutorado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco. Buscou-se a identificação das variantes do estilo através dos elementos materiais da composição dos edifícios bem como a explicação para a sua difusão e adoção por todas as classes sociais na cidade do Recife e a sua dispersão a partir dos bairros mais antigos e centrais para a periferia. A hipótese era de que haveria especificidades e adaptações. O *Art Déco* é visto neste trabalho como um vestígio da cultura material de uma sociedade que já não existe, do início do século XX.

O *Art Déco* é um estilo que abarcou todos os segmentos da Arte e que ocorreu no período entre-guerras na Europa e nos Estados Unidos (1918-1939), mas que no Brasil chegou ao final dos anos 50 e particularmente na cidade do Recife, ao início dos anos 60. Ele também é encontrado no mobiliário urbano, como bancos, postes, pedestais de estátuas, de relógios, grades, fontes, muros, calçadas etc.

---

<sup>1</sup>Professora na Faculdade Damas da Instrução Cristã e Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. Arquiteta, Mestre e Doutora em Arqueologia e Conservação do Patrimônio- UFPE.

## PRESENÇA DO *ART DÉCO* NO RECIFE

A pesquisa revelou algumas surpresas. A primeira delas é que as variantes estudadas por outros autores em localidades como o Rio de Janeiro (CONDE & ALMADA in CZAJKOWSKI, 2000), João Pessoa (FARIAS, 2011), Goiânia (UNES, 2001) e São Paulo (CAMPOS, 2003) não correspondiam aos exemplares encontrados no Recife. Estes autores catalogam as variantes encontradas nas cidades estudadas, mas todos os estudos se baseiam no primeiro deles, o de Conde e Almada, que distinguiram 3 variantes. A primeira delas, a Afrancesada, nada mais é do que uma modernização do estilo anterior, o Ecletismo, no sentido de se retirarem das fachadas os elementos materiais que o caracterizavam, tais como bustos, estátuas, ânforas, pinhas, presentes nas platibandas e a sua substituição por elementos geométricos e relevos (Foto 1, bairro da Encruzilhada).

**FOTO 1: VARIANTE AFRANCESADA**



Fonte: BARTHEL, Stela

A segunda, a Escalonada (Foto 2, bairro de Campo Grande), que remete aos edifícios do tipo piramidal dos Maias e Astecas, com platibandas escalonadas, como degraus de escadas e superposição de planos, com reentrâncias e saliências e ainda elementos da fauna e da flora estilizados. É conhecida também como Zigue-Zague.

**FOTO 2: VARIANTE ESCALONADA**



Fonte: BARTHEL, Stela

A terceira, a *Streamline* (Foto 3, bairro do Derby), com referência à velocidade, ao movimento, às máquinas, como transatlânticos, locomotivas, automóveis e ainda aparelhos de rádios (Foto 4, fotografado em Pirenópolis, Goiás).

**FOTO 3: VARIANTE *STREAMLINE***



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 4: APARELHO DE RÁDIO**



Fonte: BARTHEL, Stela

No estudo sobre a cidade de João Pessoa, a autora chega a 4 variantes. Em São Paulo, o autor elenca 5 variantes. Em Goiânia o autor usa as mesmas 3 variantes de Conde e Almada, apenas trocando seus nomes.

Para se analisar a produção *Art Déco* encontrada na cidade do Recife em 40 bairros de um total de 94, os edifícios foram desconstruídos em seus elementos da cultura material. Existem elementos comuns a todas e elementos específicos de cada uma delas. Foram atribuídos pontos a cada um dos elementos da composição dos edifícios, sendo que os elementos característicos de cada variante tiveram pontuação 2 e os comuns a todas as variantes tiveram pontuação 1. Estes elementos comuns são, para citar alguns exemplos, balcões (Foto 5, bairro de Santo Antônio), platibandas (Foto 6, bairro do Espinheiro, demolido), marquises (Foto 7, bairro do Recife) e pestanas (Foto 8, bairro da Boa Vista)

em concreto armado, que é o sistema construtivo empregado no estilo. Mas também grades em ferro forjado com temas geométricos e estilização da fauna e da flora (Foto 9, bairro da Soledade).

**FOTO 5: BALCÃO EM CONCRETO ARMADO**



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 6: PLATIBANDA EM CONCRETO ARMADO**



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 7: MARQUISE EM CONCRETO ARMADO**



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 8: PESTANAS EM CONCRETO ARMADO**



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 9: GRADES**



Fonte: BARTHEL, Stela

No Recife foram encontradas mais duas variantes, o que confirmava a hipótese de que havia adaptações e especificidades na produção levantada. Utilizaram-se então dois conceitos empregados por Gruzinski (2001), em uma análise sobre a ocupação espanhola no México e o seu relacionamento com a arte: o Mestiço e o Híbrido. A primeira destas variantes encontradas foi denominada de Mestiça, porque usa elementos comuns às 3 variantes estabelecidas por Conde e Almada, sem no entanto se ligar a nenhuma delas pelo uso dos seus elementos característicos (foto 10, bairro de Santo Amaro). E a segunda foi denominada de Híbrida, onde se misturam duas e até as 3 variantes (foto 11, bairro de São José).

**FOTO 10: VARIANTE MESTIÇA**



Fonte: BARTHEL, Stela

**FOTO 11: VARIANTE HÍBRIDA**



Fonte: BARTHEL, Stela

A segunda surpresa foi em relação às datas encontradas. No Brasil, a chegada do *Art Déco* está datada entre os anos 20, com a introdução através da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. Isto se explica pela presença de grandes transatlânticos que faziam a rota da Europa para o Brasil e que atuavam como verdadeiras “embaixadas flutuantes” do estilo (ROITER, 2011). Traziam arquitetos e *designers*, jornais e revistas estrangeiras e eram ambientados no estilo. E mais: a população carioca poderia ir a bordo, para frequentar os restaurantes, as butiques, os teatros. Estes transatlânticos eram principalmente o *Île de France*, o *Normandie* e o *L’Atlantique*.

Os edifícios mais antigos encontrados na cidade do Recife datavam de 1919, ou seja, apenas um ano após o seu início na Europa e nos Estados Unidos. Estavam nos bairros centrais da Boa Vista e de São José. Por sua posição geográfica em relação à Europa e à costa Leste dos Estados Unidos, a cidade era ponto de parada obrigatória, tanto para aviões quanto para navios, que depois se dirigiam a outras localidades. Então o contato com estrangeiros e com acesso às revistas e jornais vindos de fora pode ter contribuído para isto.

Outro dado em relação às datas encontradas: no Brasil, o auge da produção se dá nos anos 30. No Recife o auge se situa nos anos 40, quando mais se construiu neste estilo. Os edifícios mais recentes chegam ao final dos anos 50 e há um de 1961. A pesquisa se baseou no Acervo Arquitetônico Saturnino de Brito (AASB, 2010) e no trabalho de Naslavsky (1992). O AASB possui plantas e cortes esquemáticos de 120.000 edifícios datados da década de 10 à década de 60 do século XX, feitos pela Comissão de Saneamento que foi implantada pelo engenheiro sanitário Saturnino de Brito. O trabalho de Naslavsky examinou 40 edifícios do estilo *Art Déco* que serviram de base para que alguns deles fossem depois classificados como Imóveis Especiais de Preservação (IEPs)<sup>2</sup>. Nesta lei encontram-se enquadrados 11 edifícios do estilo, com funções variadas. Na pesquisa foram encontradas 23 funções, levando-se em consideração o uso primitivo e não o uso atual: abrigo de ônibus, cassino, clubes,

---

2- Lei n. 16.284/97.

edifícios comerciais, mistos e públicos, escolas, estações de rádio, ferroviária e rodoviária, fábricas, galpões, hospitais, hotel, mercados, postos salva-vidas, quartéis, residências multifamiliares e unifamiliares, salas de cinema, teatros e túmulos (no Cemitério de Santo Amaro). Alguns são obras únicas, como o abrigo de ônibus (Foto 12, bairro de Campo Grande) e o Antigo Cassino Americano (Foto 13, bairro do Pina), classificado como IEP.

FOTO 12: ABRIGO DE ÔNIBUS



Fonte: BARTHEL, Stela

FOTO 13: CASSINO



Fonte: BARTHEL, Stela

Não há nenhum exemplar que possa ser classificado como luxuoso, como os da cidade do Rio de Janeiro. Foi adotado por todas as classes sociais e são obras tanto de engenheiros e arquitetos, portanto eruditas, quanto de pedreiros, mestres de obra e curiosos, que adaptaram a moda ao seu jeito de saber fazer, que é ao mesmo tempo uma forma de resistência (CERTEAU, 1988). Não se podem chamar estas obras de vernáculas, porque o *Art Déco* era um estilo importado. À luz da Arqueologia, muitos edifícios que jamais entrariam numa pesquisa sobre o estilo puderam ser registrados. Isto mostra como as classes sociais menos favorecidas agiram para parecer modernas, imitando os elementos característicos do estilo (Foto 14, bairro de Campo Grande, Foto



Fonte: BARTHEL, Stela

Fonte: BARTHEL, Stela

Neste sentido, o *Art Déco* teve um importante papel no processo de mudança cultural. E foi registrada uma espécie de “maneirismo”<sup>3</sup>, que se traduziu pelas variantes Mestiça e Híbrida, uma vez que havia uma lacuna entre o que mostrava a literatura e o que havia sido encontrado.

Em contrapartida, pela metodologia empregada, ficaram de fora alguns edifícios bastante significativos, porque a pesquisa se pautou pela pontuação dos edifícios encontrados, analisando exemplares com as mais altas pontuações e com as mais baixas. Os exemplares de pontuação média foram analisados já como obras totalmente descaracterizadas, demolidas ou em ruínas, porque havia o registro fotográfico deles.

Uma coisa que chama atenção é o grande número de edifícios que foi demolido para dar lugar a estas obras *Art Déco*, que no momento em que foram construídas, eram consideradas o que havia de mais moderno no mundo. O estilo hoje padece deste mesmo problema, porque muitos exemplares remanescentes estão sendo demolidos para dar lugar a outros mais modernos e maiores, fora o que já se encontra descaracterizado ou em ruínas. A pesquisa também registra o grande número de ruas que tiveram seus nomes trocados ou então foram retalhadas, partidas em vários pedaços, para homenagear um grande número de pessoas.

A pergunta que se coloca é se estes exemplares Mestiços e Híbridos encontrados na cidade do Recife ainda se enquadrariam dentro do estilo. Sim, pois eles não fazem parte nem do Modernismo e nem do estilo anterior, o Ecletismo e se apropriam dos elementos que caracterizam a novidade do *Art Déco*, que é justamente o concreto armado. São mais singelos, mais pobres em sua expressão, no caso dos Mestiços, mas mostram o desejo de modernidade da sociedade.

---

30 Maneirismo é um termo criado pelo pintor Vasari para expressar um movimento artístico que surgiu na Itália, na época do Renascimento e que na arquitetura se utilizava do repertório clássico, mas de uma maneira que nunca havia sido usada em Grécia e Roma. “À maneira dos grandes mestres”.

REFERÊNCIAS:

ACERVO arquitetônico Saturnino de Brito. Recife: CECI/COMPESA/LIAU/PETROBRAS, 2010.

CAMPOS, Victor José Batista. **O art déco e a construção do imaginário moderno: um estudo de linguagem arquitetônica.** São Paulo: FAU-USP, 2003. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONDE, Luiz Paulo F.; ALMADA, Mauro. Panorama do art déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura art déco no Rio de Janeiro.** 3. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

FARIAS, Fernanda de Castro. **Cidade em expansão: o art déco na João Pessoa de 1932-1955.** João Pessoa: FAU-UFPB, 2011. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2011.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Lei 16.284, de 22 de Janeiro de 1997.

NASLAVSKY, GUILAH. **O estudo do protorracionalismo no Recife.** Recife: UFPE, 1992. Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal de Pernambuco, 1992.

ROITER, Márcio. **Rio de Janeiro art déco.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

UNES, Wolney Alfredo. **Identidade art déco de Goiânia.** Goiânia: UFG, 2001.